OS BRASILEIROS DE PAREDES – DOIS PERCURSOS DE BENEFICÊNCIA E ESQUECIMENTO

Alda Neto

Quem foram? O que fizeram? Porque foram esquecidos pelas suas comunidades? Estas são as perguntas que as próximas gerações farão ainda que os *brasileiros* tenham o seu nome inscrito em avenidas e ruas dos seus locais de origem. É preciso trazê-los à memória, porque a vida das pessoas, depois da morte, dissolve-se no tempo se não for a História.

Os *brasileiros* de Paredes destacaram-se não só no panorama concelhio, mas também nos territórios brasileiros que um dia os receberam. Estes homens partiram das várias freguesias do concelho de Paredes, na segunda metade do século XIX e nas duas primeiras décadas do século seguinte e, no Brasil, dedicaram-se, sobretudo, à actividade comercial e industrial. No presente estudo, vamos debruçar-nos sobre duas personagens, Adriano Moreira de Castro (Louredo) e Zeferino Lourenço Martins (Cete).

Figura n.º 1 – Adriano Moreira de Castro (Santa Casa da Misericórdia de Paredes)

Figura n.º 2 – Zeferino Lourenço (Santa Casa da Misericórdia de Paredes)

Entre 1888 e as duas primeiras décadas do século XX, houve um crescimento das correntes e fluxos migratórios provenientes da Europa, em direcção ao Brasil. As actividades urbanas (comércio e indústria), nomeadamente na

cidade do Rio de Janeiro, tornaram-se a principal ocupação da comunidade portuguesa. No entanto, os portugueses deslocaram-se para todo o território brasileiro e ocuparam-se das mais variadas actividades desde a agricultura à indústria ou até mesmo à política.

Um exemplo de um emigrante penafidelense que se destacou pelo seu papel político, enquanto representante português (vice-cônsul) na cidade de Santos, no Estado de São Paulo, foi Zeferino Lourenço Martins. Natural do concelho de Penafiel, emigrou para o Brasil, onde adquiriu grande prestígio social entre as comunidades portuguesa e brasileira. Adriano Moreira de Castro emigrou para o Brasil, como tentativa de fuga a um futuro agrícola. Os seus progenitores eram caseiros numa propriedade agrícola, na freguesia de Louredo, concelho de Paredes. Por volta de 1872, emigrou para a cidade de Belém, no Estado do Pará, onde se destacou na actividade comercial. Começou por pequenas actividades no ramo da panificação, para, poucos anos depois da sua chegada, fundar uma empresa na área do comércio, que se transformou numa das mais importantes do Estado do Pará.

• Quem foram?
• O que fizeram?

Adriano Moreira de Castro e Zeferino Lourenço Martins que nos propomos estudar neste trabalho constituem um exemplo de beneficência nas suas terras de origem, mas são simultaneamente um exemplo do esquecimento a que os seus conterrâneos os votaram.

Adriano Moreira de Castro nasceu a 9 de Dezembro de 1858, no lugar de Sobradelo, freguesia de Louredo, e com catorze anos de idade partiu para o Brasil. Desembarcou na cidade de Belém do Pará, onde começou por ser aprendiz no comércio para, alguns anos mais tarde, criar a empresa Araújo, Castro & C.ª. Esta empresa tornou-se numa das mais importantes empresas, nos finais do século XIX, no Estado do Pará. O seu regresso a Portugal terá ocorrido por volta de 1901. Após a sua chegada, encaminhou-se para a freguesia de Louredo, onde começou por adquirir um grande número de terrenos, tendo utilizado um deles para a construção de "uma linda e apalaçada vivenda da Castrália, que é um folgar de olhos pelas belezas que aí encerra"[1]. Desde logo, começou a sua actividade filantrópica junto dos mais carenciados da sua freguesia e concelho, mas também dos concelhos vizinhos.

A 27 de Janeiro de 1912 foi eleito presidente da Comissão Municipal Administrativa do Concelho de Paredes. Durante a curta duração do seu mandato, uma vez que solicitou a exoneração do cargo em Abril do mesmo ano, deu início à construção de uma escola de instrução primária em Louredo, que posteriormente ofereceu à freguesia.

---

1 *A BEHETRIA de Louredo,* n.º 2, 22 de Janeiro de 1922.

Figura n.º 3 – Escola EB1 de Louredo (fotografia Alda Neto)

Do ponto de vista ideológico, este *brasileiro* afirmou-se como um defensor dos ideais republicanos. A sua posição republicana era bastante conhecida, de forma que a imprensa apresentava-o como um legítimo defensor dos ideais. Adriano Moreira de Castro teve uma curta passagem pelo poder político, mas destacaram-se algumas medidas que tomou como a já referida construção da escola de Louredo e o pagamento integral do azeite necessário à iluminação da sua aldeia natal. Aquando da inauguração da escola de Louredo, em 1918, Moreira de Castro organizou uma grandiosa festa, na sua vivenda Castrália. Para esta festa, convidou muitas pessoas, entre eles os jornalistas dos mais importantes periódicos portuenses como *O Comércio do Porto* e o *Jornal de Notícias*.

Zeferino Lourenço Martins, contemporâneo de Adriano Moreira de Castro, nasceu na freguesia de Galegos, concelho de Penafiel, no ano de 1858, filho de José Lourenço Borges e Maria Martins Coelho. Emigrou para o Brasil bastante jovem, destacando-se rapidamente no comércio de peles. Instalou-se no Estado de São Paulo, onde se tornou uma personagem de grande prestígio, sendo nomeado vice-cônsul, na cidade de Santos, nos finais do século XIX. Devido à sua actividade junto dos outros emigrantes portugueses, Zeferino Lourenço Martins recebeu, por decreto de 11 de Julho de 1909, do rei D. Manuel II, o título de barão de Lourenço Martins[2].

Tal como aconteceu com Adriano Moreira de Castro, também o barão Lourenço Martins se destacou nos meios lisboetas, como transparece de vários artigos publicados em jornais nacionais, como por exemplo o *República*. A sua

2 ZÛQUETE, 1960: 699.

actividade filantrópica foi por diversas vezes homenageada, como aconteceu em 1927, por ter custeado, na íntegra, as obras de carpintaria no Quartel dos Bombeiros Voluntários de Cete.

Quando faleceu em 1934, a sua morte foi noticiada por vários periódicos, entre os quais *O Progresso de Paredes* que a ele se refere nos seguintes termos:

> Zeferino de Lourenço Martins (Barão de Lourenço Martins) era natural da freguesia de Galegos, do visinho concelho de Penafiel, filho de José Lourenço Borges e D. Maria Martins Coelho. Morreu com a idade de 72 anos.
>
> Há uma frase que, embora banal, se pode aplicar com todo o rigor do seu sentido: Desaparece sem deixar uma aversão, uma inimizade, uma mal querença. As casas de beneficência perdem com aquele chorado e caritativo homem, um dos seus melhores amigos. A sua bolsa estava constantemente aberta para, ao nosso Hospital da Misericórdia e á Corporação dos Bombeiros Voluntários de Paredes, oferecer avultados donativos[3].

Os *brasileiros* de torna-viagem de Paredes eram, geralmente, oriundos do meio rural, e, quando regressavam, instalavam-se nas terras de origem ou noutras escolhidas por eles, como foi o caso de Zeferino Lourenço Martins. Quanto a Adriano Moreira de Castro, construiu a sua casa na freguesia de Louredo, local de onde era natural, enquanto o barão de Cete, natural da freguesia de Galegos, concelho de Penafiel, acabou por se instalar na freguesia de Cete, onde construiu a sua habitação. As suas habitações transformaram-se em espaços de tertúlia em que participavam intelectuais e músicos, contribuindo com as festas que aí organizavam para uma constante animação da região. Relativamente à Castrália, esta recebeu personagens ilustres como o Alfredo Magalhães, ministro da Instrução Pública em 1918, o bispo do Porto, D. António Augusto de Castro Meireles, entre os anos de 1929 e 1942, ou mesmo o importante milionário brasileiro Leónidas de Castro, grande amigo de Adriano Moreira de Castro. Significativamente, em 1901, o compositor musical Álvaro Teixeira Lopes criou uma valsa em honra de Adriano Moreira de Castro, à qual deu o nome de Castrália. Por sua vez, Zeferino Lourenço Martins também terá organizado algumas festas em sua casa, mas sobre estas existe pouca informação na imprensa.

A própria decoração das habitações no seu interior e nos jardins envolventes reflecte uma preocupação em demonstrar o sucesso obtido. No seu interior, destacam-se as pinturas murais que decoram as paredes da sala de jantar da Castrália, ilustrativas do ambiente que deixou no Brasil e do qual sente saudades. Nestas paredes, estão representadas imagens insólitas como os flamingos, ou uma extensa avenida rodeada de edifícios neoclássicos e de palmeiras. Por outro lado, este emigrante procura ilustrar o interior da sua habitação com imagens alusivas à música, ou mesmo à geografia (globo). No exterior, encarregou-se de colocar imagens simbólicas alusivas ao comércio (deus Hermes) e à indústria.

---

3 *O PROGRESSO de Paredes,* n.º 195, 22 de Setembro de 1934.

Figura n.º 4 – Castrália – Louredo, Paredes (fotografia Alda Neto)

Evidenciando o nível de instrução que adquiriu quer em Portugal quer no Brasil, na casa de Adriano Moreira de Castro existiam livros, revistas e instrumentos musicais, como é o caso de um piano. Adriano Moreira de Castro é um exemplo dos *brasileiros* que se instalam nos meios rurais e procuram trazer alguma dinamização à vivência social e cultural destas regiões. Por seu lado, e embora Zeferino Lourenço Martins não tivesse optado, na sua casa, por uma decoração tão efusiva, esta destaca-se na localidade pelas linhas sóbrias que a caracterizam.

Figura n.º 5 – Villa Martins – Cete, Paredes (fotografia Alda Neto)

No conjunto, estes *brasileiros* destacaram-se pela sua actividade de beneficência, mas também pelo papel preponderante que desempenharam na vida política da região e mesmo do país. Gostavam de afirmar o seu conhecimento no âmbito da política, deslocando-se por isso à sede do concelho para participar em tertúlias com outros *brasileiros* e intelectuais da região. A imprensa do concelho patrocinada por si, serve-lhe de meio de propaganda por ocasião de alguma doação ou de uma actividade filantrópica.

Adriano Moreira de Castro destacou-se pelos textos que redigiu para a imprensa local, como *A Behetria de Louredo,* jornal onde publicou alguns contos subordinados ao tema do emigrante português que partiu para o Brasil em busca de fortuna e aí enriqueceu, regressando a Portugal, país onde veio a investir o seu dinheiro em obras de benemerência. Paralelamente, redigiu vários textos, durante a década de 1920 para o *Almanaque Luso-Brasileiro,* editado pela Parceria A. M. Pereira. Dentre estes textos destacam-se poemas de homenagem aos portugueses que ficaram na cidade de Belém do Pará[4].

Adriano Moreira de Castro e Zeferino Lourenço Martins foram importantes impulsionadores da abertura de vias de comunicação em Louredo e Cete e Paço de Sousa, respectivamente. Adriano Moreira de Castro foi um dos habitantes de Louredo que se empenhou na construção da estrada municipal que ligava esta freguesia à de Sobrosa. Por seu lado, Zeferino Lourenço Martins incentivou o alargamento da estrada municipal que atravessava a freguesia de Cete, assim como se empenhou pessoalmente na abertura de uma avenida que conduzisse o visitante desde a estação do caminho-de-ferro de Cete até ao Mosteiro de Paço de Sousa. Estas avenidas criadas por iniciativa destes homens possuem actualmente o seu nome[5].

Um dos aspectos que mais marcou o perfil dos *brasileiros de torna-viagem* foi a actividade filantrópica, que se estendeu às mais variadas áreas, desde o apoio à instrução até à solidariedade social (asilos, hospitais, igrejas e auxílio aos mais pobres). Esta imagem de benemérito nem sempre corresponde ao perfil que se construiu do *brasileiro*, já que este é frequentemente apresentado como um avarento. No entanto, a análise mais atenta dos seus percursos de vida permite verificar, hoje, que muitos dos *brasileiros* não se enquadraram, pela acti-

---

4 O *brasileiro* Adriano Moreira de Castro foi um constante impulsionador da imprensa regional, destacando-se como colaborador mas também como principal financiador. Um dos principais exemplos é o jornal *A Behetria de Louredo,* publicado entre os anos de 1921 e 1922, que era financiado por si. Nas colunas da imprensa local foram publicados, também, alguns textos escritos por Adriano Moreira de Castro. Este jornal era distribuído gratuitamente pelo concelho de Paredes. Em determinadas ocasiões tornou-se o principal defensor do emigrante, como foi o caso da aquisição dos terrenos do passal de Louredo, onde viria a ser construída a escola de Louredo.

5 "O carro pára. Toma-se uma carreteira mal gradada onde a generosidade do illustre Barão da Casa de Cêtte (Zeferino Lourenço Martins) está mandando fazer á sua custa uma ampla e rasgada avenida que vae da estrada onde apeamos até junto do Mosteiro. (…) Deus queira que a freguezia de Paço de Souza saiba comprehender o nobre e magnânimo gesto do snr. Barão de Cêtte e lh'o agradeça em perdurável gratidão" (FREIRE (MARIO), s.d.: 52-53).

vidade beneficente que desenvolveram, nessa visão. É de notar, contudo, que muitos dos actos de filantropia tinham como principal objectivo a obtenção da desejada comenda ou título nobiliárquico.

Relativamente aos concelhos de Paredes e de Penafiel, concelhos rurais situados na proximidade do Porto, a filantropia dos *brasileiros* registou-se em variados aspectos, desde o patrocínio às Misericórdias, às igrejas e confrarias, até ao incentivo da instrução dos mais jovens e dos mais velhos através da construção/melhoria de escolas até ao financiamento de bolsas de estudo.

Tal como aconteceu em diversas Misericórdias do norte do país, também a de Paredes beneficiou da grande ajuda destes emigrantes, salientando-se não só Adriano Moreira de Castro e Zeferino Lourenço Martins, como também o comendador António Pereira Inácio e Elias Moreira Neto.

O Hospital da Misericórdia foi construído com grandes ajudas monetárias dos *brasileiros,* entre eles Adriano Moreira de Castro e Zeferino Lourenço Martins, barão de Cete. Os retratos destes dois *brasileiros* foram colocados na galeria dos Irmãos Beneméritos da Irmandade da Misericórdia de Paredes, onde ainda hoje estão expostos. O barão Lourenço Martins foi um importante benemérito da Irmandade da Misericórdia de Paredes e de Penafiel, assim como dos Bombeiros Voluntários de Cete e de Paço de Sousa. Organizou peditórios quer no Brasil quer nos concelhos de Paredes e Penafiel para construir o Hospital que se destinava a servir a população necessitada de cuidados médicos. Durante a década de 1930, este *brasileiro de torna-viagem* patrocinou as consoadas que eram atribuídas anualmente aos doentes que se encontravam no Hospital da Misericórdia de Paredes. Como é referido no jornal *O Progresso de Paredes,* a 29 de Julho de 1933, este homem foi "o primeiro a concorrer para o Novo Pavilhão – "do nosso querido Hospital", citando-o: "feito o Novo Pavilhão haverá mais movimento, já podem contar que terei de dar mais do que dou, anualmente"[6]. Adriano Moreira de Castro, foi, também, um importante benemérito da Misericórdia de Paredes, na medida em que se empenhou em honrar outros *brasileiros* paredenses através das suas doações. O *brasileiro* Jerónimo de Barros (jornalista, natural de Sobrosa, emigrante no Brasil, fundador e director do jornal *A Redenção*), esquecido pelos seus conterrâneos, logo após a sua morte, foi homenageado por este através da doação de uma quantia avultada, para a construção de uma parede no Hospital. As doações à Misericórdia de Paredes e ao seu Hospital tornaram-se uma constante durante a vida de Adriano Moreira de Castro, a quem deixou, após a sua morte, 20 contos, por vontade expressa em testamento.

Na época, a instrução escolar era escassa devido ao pequeno número de escolas existentes, sobretudo no Norte do País, onde as escolas do sexo feminino eram praticamente inexistentes. As escolas constituem um outro exemplo da actividade beneficente dos *brasileiros,* tendo dado início, na segunda

6 *O PROGRESSO de Paredes,* n.º 135, 29 de Julho de 1933.

metade do século XIX, a um movimento de construção de escolas de forma a promover a aprendizagem das primeiras letras. Apesar da escassez de meios para a instrução, coube, assim, aos *brasileiros* um papel preponderante ao procurarem dotar as suas terras de origem de escolas para ambos os sexos (como é o caso de Adriano Moreira de Castro que construiu a escola de Louredo) ou ao patrocinaram cursos de alfabetização de adultos, como foi o caso do barão Lourenço Martins na freguesia de Cete. Estes emigrantes, ao patrocinarem a instrução, procuraram demonstrar o seu valor e os seus benefícios na sua actividade profissional e no seu sucesso.

Foi isso que fez o *brasileiro* Adriano Moreira de Castro que procurou criar as condições para que as crianças da sua aldeia natal pudessem frequentar as escolas. Para além das condições criadas, Adriano Moreira de Castro doou à sua freguesia natal um edifício para servir de escola para a aprendizagem das primeiras letras destinada a ambos os sexos, e para residência dos professores. É importante, ainda, referir que, no concelho de Paredes, foram construídas várias escolas por iniciativa dos *brasileiros* recém-regressados que, procuraram dotar as principais freguesias destes espaços. Uma das escolas mandada construir pelo Conde Ferreira, foi erigida na freguesia de Castelões de Cepeda, sede do concelho de Paredes.

Em 1912, a Câmara Municipal de Paredes recebeu a doação de cerca de 3000 m2 do passal da freguesia de Louredo, para a construção de uma escola. No entanto, a Câmara não possuía meios económicos que lhe permitissem levar a cabo este projecto. Adriano Moreira de Castro, enquanto presidente da Comissão Municipal Administrativa do concelho de Paredes adquiriu o terreno doado à Câmara e iniciou a construção da escola para ambos os sexos. O conjunto projectado englobava a escola e as habitações para os professores. De imediato, iniciou o processo de pedido de autorização para construir a escola, que deveria estar pronta no prazo de cinco anos. A Comissão Administrativa do Concelho de Paredes concedeu-lhe as autorizações necessárias e o *brasileiro* comprometeu-se a comportar todos os custos necessários à construção do edifício. Nos anos seguintes, preocupou-se em adquirir o material escolar necessário, desde as carteiras às cadeiras, e mesmo aos mapas. Em 1917, doou a escola à freguesia, durante uma sessão da Câmara Municipal, sessão esta em que entregou as chaves da escola ao Presidente da Câmara. No final da sessão camarária, decidiu-se dar a conhecer ao ministério da Instrução Pública, esta atitude de beneficência em prol do desenvolvimento do concelho. No ano seguinte, em 1918, foi publicada a doação no Diário do Governo.

A escola abriu as suas portas em Outubro de 1918, após uma grandiosa recepção organizada por Adriano Moreira de Castro e na qual estiveram presentes as principais personagens do concelho, entre elas José Coimbra Pacheco, proprietário do solar da Venda, mais tarde Estância de Saúde de Louredo, e o futuro bispo do Porto, D. António Augusto de Castro Meireles. A escola foi completamente mobilada bem como dotada de material didáctico necessário para os alunos, desde uma colecção de mapas de Portugal e das suas colónias, até um

conjunto de estampas sobre a História de Portugal. O ministro da Instrução Pública, Dr. Alfredo de Magalhães, não esteve presente nesta inauguração, mas enviou um cartão felicitando Adriano Moreira de Castro por esta iniciativa.

Figura n.º 6 – Notícia da inauguração da Escola de Lourenço
(*Jornal de Notícias*, 8 de Outubro de 1918)

O jornal *República,* no dia 12 de Outubro de 1918, publicou um artigo sobre o Adriano Moreira de Castro e a inauguração da escola, salientando sobretudo a defesa da instrução como um valor republicano, "Depois do pão, a educação é a primeira necessidade do povo" (frase transcrita na fachada principal da escola). Desta forma, Adriano Moreira de Castro é exaltado como um modelo dos ideais republicanos, assentes sobretudo na instrução e na educação do povo. Este *brasileiro* defendia o alargamento da instrução a todas as classes sociais, ajudando para tal os mais necessitados através da concessão de bolsas de estudo, ou mesmo da dádiva dos materiais necessários, como é ainda hoje recordado por algumas pessoas da freguesia.

Após a inauguração do edifício, Adriano Moreira de Castro instituiu donativos anuais para que os jovens mais necessitados pudessem frequentar a escola e criou prémios de mérito escolar, que eram atribuídos na festa de Natal que, anualmente, se realizava na escola. Esta atitude de beneficência ficou registada numa pequena placa colocada na frontaria do edifício. A escola, para além de

um espaço destinado ao ensino das letras, veio a constituir, nos anos seguintes, um espaço para actividades culturais, como os saraus promovidos pela Tuna de Cristelo.

É de salientar, que, do edifício construído no início do século XX, pouco resta actualmente, uma vez que sofreu obras de grande envergadura que modificaram por completo o seu interior. No entanto, apesar desta intervenção, a memória de que a escola resultou de uma acção beneficente permanece, sem que seja recordado o nome do seu autor, o *brasileiro* Adriano Moreira de Castro, esquecido quer pelas entidades municipais quer pela população.

Contudo, na sua época, a acção de Adriano Moreira de castro foi reconhecida. Em 1936 recebeu o título de Cavaleiro da Ordem da Instrução Pública conferido pelo general Óscar Carmona.

Quanto ao barão Lourenço Martins, este destacou-se pelo incentivo dado à alfabetização de adultos na freguesia de Cete, criando para tal um curso nocturno e prémios para os melhores alunos. O barão Lourenço Martins procurou, desta forma, contribuir para a diminuição da taxa de analfabetismo entre os adultos em Portugal. No jornal *O Progresso de Paredes,* este homem foi referido como o grande benemérito da instrução popular na freguesia de Cete, só comparável a Vitorino Leão Ramos, um outro *brasileiro* de Cete que se empenhou na aquisição dos terrenos e posterior construção da escola do Verdeal.

A afirmação do sucesso destes homens que fizeram fortuna no Brasil, também, se materializou com a participação nas festas e romarias da sua terra natal. Esta participação foi, sobretudo, monetária, e permitia que o emigrante agradesse ao santo da sua devoção as benesses obtidas no Brasil. No concelho de Paredes, na freguesia de Louredo, a 7 de Outubro de 1901, o *brasileiro* Adriano Moreira de Castro realizou uma festa em honra de São Sebastião, em cumprimento de uma promessa. O artigo publicado no jornal *O Comércio de Penafiel* salienta a grandiosidade da procissão: "Á noute queimou-se um vistosíssimo fogo de artificio, preso e do ar, no pittoresco largo fronteiro á egreja que se achava profusamente illuminado, bem como a frontaria da egreja. Durante o fogo tocaram com muita correcção duas bandas de música e foram lançados ao ar muitos aeróstatos"[7].

O barão Lourenço Martins destacou-se pela ajuda monetária que conseguiu reunir, enquanto vice-cônsul na cidade de Santos, para auxiliar as vítimas de um terramoto que ocorreu no Ribatejo em 1909. Entre os portugueses na cidade de Santos, o Barão conseguiu amealhar cerca de 17 contos de réis, que foram entregues ao tesoureiro da Comissão de Socorros aos sobreviventes do Ribatejo[8].

No concelho de Paredes, tal como acontece em Penafiel e noutras regiões do Norte do país, as pessoas tendem a esquecer-se da acção desenvolvida em prol do progresso da sua terra por estes *brasileiros*, que continuam a ser enca-

---

7 *O COMÉRCIO de Penafiel,* n.º 2656, 9 de Outubro de 1901.

8 *O PENAFIDELENSE,* n.º 3191, 10 de Agosto de 1909.

rados como personagens camilianas. É preciso, por isso, recuperar a memória destes homens e das suas acções, uma vez que os *brasileiros de torna-viagem* constituíram um importante motor da sociedade portuguesa nos finais de Oitocentos e na primeira metade do século XX. Homens como Adriano Moreira de Castro e Zeferino Lourenço Martins, que se destacaram nas suas comunidades não podem ser esquecidos, na medida em que se perderá não só a memória das suas acções, mas também uma parte da história local.

Como refere Ricardo Jorge, na sua obra *Brasil!Brasil!,* o *brasileiro* constitui uma personagem que se destacou no panorama português pelo sua beneficência, mas também pela mudança do panorama do Norte do país.

O tenente-coronel José Ribeiro da Costa Júnior assinou um artigo no jornal *O Progresso de Paredes,* em 1925*,* intitulado *Os Brasileiros,* onde salienta o trabalho desenvolvido por estes homens que regressaram do Brasil, enriquecidos quer económica quer culturalmente:

> No concelho de Paredes estão bem patentes as produções resultantes do dinheiro dos brasileiros, por exemplo temos: na sede do concelho, (…) as escolas oficiais semi – Conde de Ferreira; (…); em Louredo a Castrália e a sua mola; (…).
>
> Se Camilo tivesse podido contar o ouro que todos os anos os 'brasileiros' fazem pesar na nossa balança económica e influir tão beneficamente na nossa situação financeira;
>
> Se Camilo tivesse anotado, de norte a sul do nosso país, o que os 'brasileiros' tem feito de útil e de belo, mesmo de grandioso, em vivendas, quintas, estradas, igrejas e hospitais!...
>
> Se Camilo tivesse feito uma estatística dos pobres socorridos, das famílias remediadas e das doenças tratadas com o dinheiro dos 'brasileiros'!...
>
> Se Camilo, tudo isto tivesse visto e pesado, teria por certo feito escrever, á sua pena sublime incomparável, obras maravilhosas de louvor e gratidão pelos 'brasileiros'.
>
> Comparem-se agora com estes beneméritos, essa alcateia de vampiros que abruptamente surgiram neste lindo país, durante e depois da guerra, e, que aproveitando-se das facilidades do crédito e da desvalorização da moeda tão rapidamente fizeram fortuna que o povo os alcunhou de novos-ricos. Estes diferençam-se bem dos 'brasileiros' como o egoísmo da filantropia como a avareza da generosidade.
>
> Os 'brasileiros' enriquecem o país com o ouro que nos mandam, os novos-ricos empobrecem-nos com o ouro que exportam. Aqueles criaram a abastança, a parcimónia no viver, estes desenfrearam o luxo e o prazer de gastar. Os primeiros encheram o país de escolas e obras de beneficência, os últimos abriram nas cidades os clubes de depravação e desviaram da honestidade milhares de raparigas[9].

[9] *O NOVO PAREDENSE*, Paredes, n.º 57, 5 de Abril de 1925.

O autor do artigo compara o tipo social criado pela literatura portuguesa da época, nomeadamente por Camilo Castelo Branco, com o emigrante português que tendo regressado rico, se preocupou em beneficiar a sua comunidade local. De acordo com o tenente-coronel José Ribeiro da Costa Júnior, os *brasileiros de torna-viagem* são diferentes dos "novos-ricos" que surgiram em Portugal, nos finais do século XIX, na medida em que se preocuparam em dotar as suas comunidades com infra-estruturas que impregnaram algum desenvolvimento, e não se limitaram a esbanjar o dinheiro angariado no Brasil. No entanto, é necessário referir que estes emigrantes procuraram um reconhecimento social junto das comunidades locais, através destas constantes dádivas à população ou às instituições existentes (Irmandade da Misericórdia, jornais, escolas, Câmara Municipal).

Como refere Maria Conceição Meireles Pereira, a emigração portuguesa revestiu-se de histórias de sucesso e de insucesso. Construíram-se fortunas e percursos notáveis. No entanto, houve muitos caminhos que, por várias razões, não foram concretizados[10]. O grande objectivo destes emigrantes portugueses que partiam com destino ao Brasil era o regresso com um pé-de-meia que lhes permitisse demonstrar, na sua terra de origem, o sucesso obtido. Desta forma, e como refere Ferreira de Castro, na sua obra *Emigrantes*, é preciso descontar por cada um que regressa rico, milhares de desgraçados que perderam a vida ou esmolaram o repatriamento. Outros regressaram enriquecidos, demonstrando desta forma o sucesso da sua vivência no Brasil, mas tal como muitos portugueses que lá morreram no esquecimento, também estes têm vindo a ser esquecidos pelas comunidades de onde eram naturais. Se os seus actos de filantropia ficaram registados na memória dos seus contemporâneos e familiares, o tempo tem-se encarregado de a apagar.

Os *brasileiros* de Paredes apresentados neste artigo, constituem dois importantes exemplos destes emigrados que, abanando a árvore das patacas, conseguiram realizar o sonho do Brasil. Regressados à sua terra natal, contribuíram para a melhoria das condições de vida da população. Contudo, sobre eles, hoje, pouco se guarda na memória colectiva local. "Os 'brasileiros' merecem pois as minhas homenagens e daqui os saúdo efusivamente"[11].

É necessário levar a cabo um trabalho de investigação consistente que permita o conhecimento das actividades desenvolvidas localmente pelos *brasileiros de torna-viagem*. É importante que o esquecimento a que foram votados seja ultrapassado e, que lhes seja conferido o lugar que merecem no âmbito da História Local.

---

10 PEREIRA, 2000: 359-369.

11 *O NOVO PAREDENSE*, Paredes, n.º 57, 5 de Abril de 1925.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Jorge Fernandes, 1989 – "Emigração Portuguesa: o exemplo do Porto nos meados do século XIX". *Revista de História*, Porto: Centro de História da Universidade do Porto, vol. IX, p. 267-289.

BARREIRO, José do, 1924 – *Monografia de Paredes*. Porto: Tipografia Barros e Costa.

BASTO, Artur de Magalhães, 1958 – "Faça-se justiça ao 'Brasileiro' que o Romantismo tanto caluniou". *O Tripeiro*, V série, ano XIV, n.º 8, p. 225-227.

COSTA JÚNIOR, José Ribeiro da, 1947 – *A Árvore das Patacas: romance com uma descrição da vida no Rio de Janeiro há 50 anos*. Lisboa: [s.n.].

FREIRE (MARIO), João Paulo, [s.d.] – *Terra Lusa – Impressões de Viagem*. Braga: Raul Guimarães & C.ª – Editores.

JORGE, Ricardo, 1930 – *Brasil! Brasil!*. Lisboa: Empresa Literária Fluminense.

LEAL, Joaquim da Rocha, 2002 – *História Concisa da Santa Casa da Misericórdia de Paredes*. Paredes: Santa Casa da Misericórdia de Paredes.

MEIRELES, Maria da Conceição, 2000 – "Os Brasileiros Notáveis e… os outros", in *Os Brasileiros de Torna-Viagem*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p. 359-369.

SOUSA, António Gomes de; COELHO, Manuel Ferreira, 1990 – *Temas Penafidelenses (Subsídios para a Monografia de Paredes)*. Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel.

ZÛQUETE, Afonso Eduardo Martins, 1960 – *Nobreza de Portugal e do Brasil*. Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia. vol. II, p. 699.